



10 DE NOVEMBRO DE 2016

Quinta-feira

- PPE ALCANÇA 63,3 MIL TRABALHADORES E GASTA 73,5% A MAIS DO QUE O PREVISTO
- CHERY QUER REDUZIR OCIOSIDADE DE 90% NO BRASIL PARA ALGO ENTRE 70% E 80% EM 2017
- BMW ELEVA PRODUÇÃO NO PAÍS COM AJUDA DE EXPORTAÇÃO, MAS TEM OCIOSIDADE DE 50%
- AÇO LEVA PAÍS A ABRIR DISPUTA COM OS EUA
- MINÉRIO DE FERRO E AÇO DISPARAM NA CHINA PARA MÁXIMAS DESDE 2014
- MONTADORAS VEEM ELEIÇÃO DE TRUMP COM CAUTELA
- EMPRESÁRIOS DO PARANÁ SE DIVIDEM SOBRE DONALD TRUMP
- PARA ANALISTAS, 'EFEITO TRUMP' NO BRASIL SERÁ INDIRETO
- STF ENCERRA SESSÃO SEM JULGAR PROCESSO DA TERCEIRIZAÇÃO
- SINDIFISCO CRITICA SUBSTITUTIVO APROVADO AO PROJETO SOBRE CARREIRAS
- RELAÇÕES ENTRE BRASIL E EUA NÃO DEVERÃO MUDAR COM ELEIÇÃO DE TRUMP, DIZ MDIC
- COM R\$ 500 MILHÕES, TEMER LANÇA CARTÃO REFORMA
- JOAQUIM LEVY DIZ QUE PRETENDE APROFUNDAR PARCERIA DO BANCO MUNDIAL COM BRASIL
- 'ESTAMOS ACOMPANHANDO OS MERCADOS GLOBAIS E DO BRASIL', DIZ PRESIDENTE DO BC
- DE 34 PROJETOS NA CARTEIRA DO PPI, DEZ SERÃO ENDEREÇADOS ESTE MÊS, DIZ SECRETÁRIO
- CADE APROVA COM RESTRICÇÕES CRIAÇÃO DE BUREAU DE CRÉDITO POR BANCOS
- SINDICOMBUSTÍVEIS-PR SOLTA NOTA SOBRE REDUÇÃO DE PREÇOS DOS COMBUSTÍVEIS
- SINDICATO DOS POSTOS DO PARANÁ NÃO GARANTE PREÇO MAIS BAIXO
- AÇÕES DA VALE SOBEM 5% COM ALTA DO MINÉRIO NA CHINA; BOLSA CAI 1,2%
- AS DEZ MAIORES EMPRESAS DO PARANÁ
- VENDA DA GVT ENFRAQUECE PARANÁ NA LISTA DAS MAIORES EMPRESAS DO SUL

- LUCRO DO BANCO DO BRASIL RECUA 18,9% NO 3º TRIMESTRE, PARA R\$ 2,34 BILHÕES
- LUCRO DA GERDAU CAI 50,8% NO TRIMESTRE
- REDUÇÃO NOS VALORES DO COMBUSTÍVEL DÁ ALÍVIO NA INFLAÇÃO
- GOVERNO FRUSTRA PROJETOS DE NOVO REFIS E VENDA DE CRÉDITOS TRIBUTÁRIOS
- INVESTIR EM INFRAESTRUTURA NO BRASIL TEM RISCO ACIMA DA MÉDIA
- PARA CHEFE DO NASDAQ, É PRECISO REPORTAR MELHOR BENEFÍCIOS DA GLOBALIZAÇÃO
- NA RENAULT, CRISE NÃO GEROU OCIOSIDADE
- CHERY FARÁ DOIS NOVOS CARROS EM JACAREÍ
- MITSUBISHI MONTARÁ OUTLANDER NO BRASIL
- MASERATI ANUNCIA SUA ESTREIA NO MUNDO DOS SUVs
- "IMAGENS ELÉTRICAS" RASTREIAM ÁGUA SE INFILTRANDO PELO CONCRETO
- HONDA PRODUZIRÁ NOVO SUV COMPACTO "WRV" NO BRASIL, DIZ EXECUTIVO
- MONTADORAS VISAM RECUPERAÇÃO MODERADA EM SALÃO DO AUTOMÓVEL MODESTO EM SÃO PAULO
- PRODUÇÃO DO SETOR ELETROELETRÔNICO CAI EM SETEMBRO
- FERRAMENTAS GÜHRING AGORA NO BALCÃO

CÂMBIO EM 10/11/2016		
	Compra	Venda
Dólar	3,225	3,225
Euro	3,567	3,569

Fonte: BACEN

PPE alcança 63,3 mil trabalhadores e gasta 73,5% a mais do que o previsto

10/11/2016 – Tribuna PR

O Programa de Proteção ao Emprego (PPE) teve a adesão de 63,3 mil trabalhadores, segundo balanço divulgado nesta quarta-feira, 9, pelo Ministério do Trabalho. O comitê do programa atendeu aos pedidos de 116 empresas. O ministério ainda analisa 34 processos que estão na fila. Foram aprovados, outros 154.

O programa permite a redução da jornada de trabalho em até 30%, com redução também do salário em igual proporção. A metade do desconto no salário – que também

pode chegar a 30% – é bancada pelo Fundo de Amparo ao Trabalhador (FAT), de onde saem os recursos para o pagamento do seguro-desemprego e do abono salarial.

De acordo com o ministério, o FAT desembolsou ao longo desse período R\$ 169,3 milhões. Ao mandar a medida provisória (MP) que criou o PPE, em junho do ano passado, o governo da ex-presidente Dilma Rousseff estimou em R\$ 97,6 milhões os gastos do fundo com o programa em 2015 e 2016.

O efetivamente gasto pelo FAT é 73,5% superior ao que o governo estimou. O número de funcionários que estão recebendo o complemento do salário por meio do FAT também superou a estimativa inicial, de 50 mil empregados. Se as solicitações que aguardam na fila forem aprovadas, serão 65,3 mil funcionários atendidos pelo programa.

O prazo de adesão ao PPE vai até dezembro deste ano e o programa está previsto até o fim de 2017. O ministro do Trabalho, Ronaldo Nogueira, não descarta a possibilidade de estender o programa e de usar mais recursos do FAT para bancá-lo. A equipe econômica afirma que o fundo tem recursos e que o PPE contribui para diminuir os custos com o seguro-desemprego, além de evitar queda de arrecadação com INSS, FGTS e imposto de renda.

De acordo com o balanço do ministério, a indústria foi o setor mais atendido pelo PPE: 97 pedidos, seguido do setor automobilístico, com 26 solicitações. Entre os estados, a maior parte das adesões se concentra em São Paulo (112), Rio Grande do Sul (19), Rio de Janeiro (18) e Minas Gerais (17). Dentre as novas adesões destaca-se a indústria de peças e tratores Pedertractor, de São Paulo, com duas adesões publicadas este mês, alcançando 1.324 trabalhadores.

Após a adesão, as empresas não podem dispensar os empregados que tiveram sua jornada de trabalho reduzida temporariamente. No final do período, o vínculo trabalhista terá estabilidade pelo prazo equivalente a um terço do período envolvido.

Chery quer reduzir ociosidade de 90% no Brasil para algo entre 70% e 80% em 2017

10/11/2016 – Tribuna PR

A montadora chinesa Chery, que opera com ociosidade de 90% em sua fábrica no Brasil, espera reduzir esse nível para algo entre 70% e 80% no ano que vem, afirmou o vice-presidente da filial brasileira, Luis Curi. “Não vai ser o ano em que vamos recuperar o atraso”, disse o executivo, que participa do Salão Internacional do Automóvel de São Paulo.

A fábrica, construída em Jacareí (SP) e inaugurada em 2014, tem capacidade para produzir 50 mil veículos por ano, mas terminará 2016 com apenas 5 mil. A projeção para 2017 é elevar o volume para algo entre 10 mil e 15 mil unidades, com o início da fabricação de três novos modelos. Para 2018, o objetivo é que o volume suba para 24 mil, ou 50% da capacidade. “Foi esse o compromisso assumido com a matriz na China”, disse.

Hoje, a produção está suspensa até o fim do ano, com todos os funcionários, cerca de 500, em regime de lay-off (suspensão temporária de contratos).

Para minimizar as perdas, a montadora tem buscado entrar em outros mercados da América do Sul, por meio da exportação de unidades produzidas no Brasil.

“Começar a homologar os carros em alguns países e agora vai depender muito da formação de preço e custo”, disse o executivo, acrescentando que a ideia é começar

pela Argentina. "Mas sendo realista, a nossa logística está um pouco complicada", lamentou.

Curi afirmou ainda que, quando a montadora começar a exportar para outros países sul-americanos, a expectativa é que o volume exportado represente algo entre 10% e 15% da produção no Brasil.

Mesmo que os objetivos de produção e exportação não sejam atingidos, Curi garantiu que a Chery não cogita sair do Brasil. "A Chery é uma estatal chinesa que tem R\$ 1,2 bilhão investido no País e nosso projeto é virar um polo de abastecimento para outros países da América do Sul", disse.

BMW eleva produção no País com ajuda de exportação, mas tem ociosidade de 50%

10/11/2016 – Tribuna PR

Favorecida por um contrato temporário de exportação, a única fábrica da BMW no Brasil, inaugurada em 2014 em Araquari (SC), deve terminar o ano com produção de 17 mil veículos, crescimento de 54% em relação às 11 mil unidades fabricadas em 2015.

A estimativa para este ano foi informada nesta quarta-feira, 9, pelo presidente da montadora no País, Helder Boavida, que participa do Salão Internacional do Automóvel de São Paulo.

O contrato prevê a venda de 10 mil unidades para os Estados Unidos, entre abril deste ano e março do ano que vem. Deste total, 6 mil unidades deverão ser enviados este ano, enquanto as 4 mil restantes ficarão para 2017.

Para atender a esta demanda, a fábrica contratou 300 trabalhadores temporários, aumentando o quadro de funcionários para mil pessoas.

Apesar do avanço da produção no Brasil, a BMW opera com ociosidade de 50%, já que a fábrica em Santa Catarina tem capacidade para produzir 32 mil unidades por ano.

A expectativa para 2017 é que o ritmo se mantenha, com a produção de 15 mil unidades, praticamente estável em relação ao volume previsto para este ano. "Em 2017, pior não vai ser", disse Boavida. "Mas também não estamos esperando uma grande recuperação."

Para o executivo, tanto o mercado total de veículos no Brasil quanto o do segmento "premium", no qual a BMW está inserida, devem crescer "entre 5% e 7%" em 2017.

Ele disse ainda que, da mesma forma que os veículos "premium" foram os últimos a registrar queda nas vendas, uma vez que a crise econômica costuma afetar menos os consumidores de maior renda. "Estamos otimistas quanto a isso", afirmou.

Ainda que esteja na expectativa de um crescimento moderado do mercado em 2017, a BMW não planeja abrir novas concessionárias. A rede da marca para venda de automóveis conta hoje com 48 lojas em todo o Brasil.

"Tínhamos um plano de expansão, mas esse plano está na geladeira", afirmou Boavida, que não quis revelar qual é a meta de expansão. Ele admite, no entanto, que se o mercado reagir mais fortemente, o plano pode ser retomado.

Boavida declarou também que a montadora tem buscado novas alternativas de exportação, para não reduzir o ritmo de produção quando terminar o contrato com os

Estados Unidos, mas disse que o Brasil tem poucos acordos comerciais com outros países e que isso acaba sendo um limitador.

Aço leva País a abrir disputa com os EUA

10/11/2016 – Tribuna PR

O presidente eleito dos EUA, Donald Trump, vai encontrar em sua mesa, assim que assumir, um importante dossiê: uma disputa com o Brasil no comércio de aço, sua principal bandeira usada na campanha para angariar o voto dos descontentes com a globalização.

O Itamaraty vai abrir uma queixa contra o governo dos EUA na Organização Mundial do Comércio (OMC) e se o processo será ainda iniciado sob a gestão de Barack Obama, será no governo de Trump que o caso de fato terá de ser analisado.

O processo será apresentado à secretaria da OMC até sexta-feira desta semana e a decisão política já foi tomada. O contencioso se refere a uma sobretaxa sobre o aço laminado brasileiro que foi imposta contra o País há dois meses.

Mas o setor nacional já vinha sendo afetado há meses, desde que os americanos passaram a investigar as exportações nacionais. Washington acusa a produção brasileira de ser subsidiada e, portanto, entrando no mercado dos EUA com preços injustos.

Empresas como a CSN e Usiminas passaram a ser sobretaxas em 11%, afetando a capacidade dessas exportações competirem no mercado americano. Apenas em 2015, o Brasil vendeu quase US\$ 1,3 bilhão em chapas de aço laminado ao mercado americano.

Tarifas.

Mas Trump prometia até mesmo elevar as tarifas de importação e rever acordos comerciais. Em muitos de seus discursos, a proteção ao setor do aço americano foi o carro-chefe da campanha de Trump nos EUA, principalmente nos estados com altas taxas de desemprego.

Num dos debates com Hillary Clinton, o presidente eleito chegou a dizer que visitou comunidades afetadas pela "invasão (do aço) da China e de todas as partes do mundo".

Trump ainda contratou como seu principal assessor para comércio um ex-CEO de uma siderúrgica local. O escolhido foi Dan DiMicco, ex-presidente da siderúrgica Nucor Corp. Conhecido como um crítico do livre-comércio, ele acaba de publicar um livro sobre como apenas a produção nos EUA pode voltar a "fazer a economia americana forte".

Usando a situação de algumas das cidades afetadas pela importação de aço, portanto, Trump alertou que a globalização havia ajudado a "elite financeira, enquanto deixou milhões de trabalhadores sem nada". Num dos momentos mais importantes da campanha, ele chegou a discursar em uma siderúrgica, em um palco repleto de metal.

"Eles conseguem a expansão de seus negócios e nós o desemprego", disse, sobre acordos comerciais. Em outro discurso, em meados de julho, ele ainda alertou que os EUA "já vivem uma guerra comercial". "E estamos sendo derrotados."

Minério de ferro e aço dispararam na China para máximas desde 2014

10/11/2016 – Folha de S. Paulo



Os contratos futuros do aço e do minério de ferro dispararam pelo menos 5% na China nesta quarta-feira (9) e atingiram máximas de anos, sustentados por uma alta do carvão e sinais de uma retomada da segunda maior economia do mundo.

Os preços ao produtor na China subiram 1,2% em relação ao ano anterior, no ritmo mais rápido desde dezembro de 2011, depois de terem apresentado leve alta em setembro pela primeira vez em quase cinco anos, informou a Agência Nacional de Estatísticas nesta quarta-feira.

O vergalhão de aço subiu 5,3% na Bolsa de Xangai, para 3.015 yuans por tonelada, após tocar máxima da sessão a 3.030 yuans, maior patamar desde agosto de 2014.

Com a força das cotações do aço, o minério de ferro com entrega em janeiro na bolsa de Dalian subiu 6%, no limite de alta estabelecido pela Bolsa, para fechar em 551,50 yuans (US\$ 81) por tonelada, maior valor desde maio de 2014.

O apetite também foi forte no mercado físico de minério de ferro, onde o preço de referência no porto de Tianjin, com 62% de teor de ferro, saltou 4,7%, para US\$ 71 por tonelada, maior cotação desde janeiro de 2015, segundo o The Steel Index.

"O minério de ferro importado de alta concentração continua a atrair um prêmio no mercado já que compradores tentam minimizar sua exposição ao alto custo do carvão de coque", disse o analista Vivek Dhar, do Commonwealth Bank of Australia.

Montadoras veem eleição de Trump com cautela

10/11/2016 – Tribuna PR

A vitória do bilionário Donald Trump para a presidência dos Estados Unidos é vista com cautela pelas montadoras instaladas no Brasil. "Uma coisa é o discurso durante a campanha, outra coisa é quando entrar.

Já estamos vendo um discurso mais moderado (após o resultado)", disse ao Broadcast, sistema de notícias em tempo real do Grupo Estado, o presidente da Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea), Antonio Megale, que participa do Salão Internacional do Automóvel de São Paulo.

Um dos pontos mais ressaltados durante a campanha de Trump foi a rejeição a imigrantes, com o candidato chegando a dizer que construirá um muro entre os Estados Unidos e o México.

A piora da relação entre os dois países pode fazer com que a produção mexicana de veículos, que é destinada principalmente para o mercado norte-americano, seja

direcionada para o mercado brasileiro, aumentando a concorrência, alertou o vice-presidente da Chery no Brasil, Luis Curi. “Isso me preocupa”, disse.

A Anfavea, no entanto, acredita que esta possibilidade é pequena. “A indústria mexicana fez uma aposta de fabricar veículos maiores, de olho no perfil do consumidor norte-americano. Se realmente o Trump dificultar as relações com o México, eu acho difícil a produção mexicana vir para o Brasil porque o público brasileiro tem outro perfil”, explicou Megale.

No primeiro semestre, a filial brasileira da BMW fechou um contrato para exportar 10 mil veículos para os Estados Unidos, de abril deste ano a março do ano que vem. O presidente da montadora no Brasil, Helder Boavida, garante que a eleição de Trump, que mostrou um perfil protecionista durante a campanha, não representa um risco para os negócios da BMW. “Nosso comprometimento com os norte-americanos é muito grande”, disse o executivo.

Em nota, a norte-americana Ford parabenizou Trump pela vitória e disse que concorda com o republicano quando ele diz que é importante unir o país. “Esperamos trabalhar juntos para apoiar o crescimento econômico e os empregos”, diz o texto. A montadora também parabenizou os governadores e congressistas eleitos.

A também norte-americana GM não quis comentar o resultado das eleições, mas na terça-feira, 8, de passagem pelo Salão, o presidente da montadora no Brasil, Carlos Zarlenga, declarou que a GM, nos Estados Unidos ou no Brasil, trabalha com os governos que são eleitos popularmente. “Desenvolvemos os nossos negócios e desejamos o melhor para todos os países”, disse.

Empresários do Paraná se dividem sobre Donald Trump

10/11/2016 – Gazeta do Povo



O blog quis saber a opinião de alguns dos principais dirigentes de entidades de classe do Paraná e empresários sobre a eleição de Donald Trump. De todos os consultados, apenas três foram explícitos em suas posições: Glaucio Gera, presidente eleito da Associação Comercial do Paraná, Guido Bresolin Junior, presidente da Federação das Associações Comerciais e Empresariais do Paraná (Faciap), que torciam pela vitória do republicano, e Edson José Ramon, presidente do Instituto Democracia e Liberdade, partidário da democrata Hillary Clinton. Os demais limitaram-se a declarações protocolares. Eis as respostas.

Edson Campagnolo, presidente da Federação das Indústrias do Paraná:

“Ainda é muito cedo para fazer um prognóstico do governo Trump. Enquanto ele estava em campanha eleitoral, era uma coisa.

Agora, realmente eleito, ele tem que agir com um pouco mais de coerência e cautela. Isso principalmente na relação com os parceiros dos Estados Unidos, incluindo o Brasil, que abriga muitas empresas americanas.”

Antonio Miguel Espolador Neto, presidente da Associação Comercial do Paraná:

“Como grande empresário e com a experiência que tem como empreendedor, pode acabar iniciando uma grande revolução na economia americana com consequências benéficas para a economia brasileira. Não vai haver espaço para mudanças radicais, pois o Congresso americano tem uma força e a democracia dos Estados Unidos é muito sólida”.

Edson José Ramon, presidente do Instituto Democracia e Liberdade:

“A vitória de Trump gera apreensão e quebra de paradigmas. Hillary seria uma continuidade já conhecida de um governo democrático. Trump foi eleito pela grande maioria de delegados e expressivo contingente de eleitores que querem mudanças.

Há que se ressaltar que as instituições democráticas dos Estados Unidos são sólidas e robustas e não permitem qualquer aventura populista. A gestão do presidente eleito, acreditamos, fará jus à liderança mundial que exerce esta grande nação, na construção de um mundo melhor”.

Darci Piana, presidente do Sistema Fecomércio Sesc Senac Paraná e vice-presidente da Confederação Nacional do Comércio:

“Apesar do Brasil não ter entrado na pauta dos candidatos à presidência dos Estados Unidos, tenho certeza de que o novo presidente irá adotar medidas apropriadas para fomentar as relações entre os dois países. Na área do comércio de bens, serviços e turismo temos interesses complementares e não há dúvida de que serão respeitados. Iremos trabalhar para incrementá-los cada vez mais”.

Guido Bresolin Junior, presidente da Faciap (Federação das Associações Comerciais e Empresariais do Paraná):

“Grande vitória. Uma demonstração clara do seu empreendedorismo, da sua marca. Creio em uma nação americana que lidere a construção de riquezas ao mundo e ao homem”.

Ágide Meneguette, presidente do Sistema FAEP/SENAR-PR:

“Do ponto de vista do agronegócio, acredito que a eleição de Donald Trump não mude muito para o Brasil. Tanto Brasil quanto Estados Unidos são competidores nas exportações de commodities. O protecionismo americano deve recair sobre a China e a Europa. Mudanças mais contundentes terão que passar pelo Congresso americano”.

Glauco José Geara, presidente eleito da Associação Comercial do Paraná:

“O importante é aguardar a apresentação do real plano de governo. Sabemos que os políticos sempre têm dois discursos. Donald Trump é um empreendedor corajoso, gerador de empregos. Não há motivos para ter medo e na hora em que ele sentar na cadeira a realidade vai ser outra.

Para analistas, ‘efeito Trump’ no Brasil será indireto

10/11/2016 – Tribuna PR

O Brasil tende a seguir como coadjuvante nas relações comerciais dos Estados Unidos após o início do mandato de Donald Trump, em janeiro do ano que vem, na avaliação de especialistas. Segundo eles, as atenções do novo presidente deverão estar voltadas para a China.

Mas, apesar de não ter feito parte da pauta do futuro presidente na corrida eleitoral, o mercado brasileiro poderá ser afetado indiretamente, caso sejam aplicadas medidas mais radicais de protecionismo mencionadas pelo republicano durante a disputa pela Casa Branca.

Na campanha, Trump criticou a postura comercial chinesa e ameaçou impor tarifas de 45% sobre os produtos importados do país asiático. "As visões de Trump sobre comércio, até agora, foram terríveis e ingênuas. Erguer barreiras apenas contra importações chinesas ou um grupo específico de países, por exemplo, contraria regras da Organização Mundial do Comércio (OMC)", lembra Rafael Dix Carneiro, da Universidade Duke, na Carolina do Norte.

"Se optar por impor uma maior taxa à mercadorias vindas da China, o governo Trump afetará a atividade econômica dos asiáticos, o que vai reduzir, por consequência, suas importações de commodities e prejudicará o Brasil", avalia José Augusto de Castro, presidente da Associação de Comércio Exterior do Brasil (AEB).

"O mais grave, nesse primeiro momento, é que ele distribuiu incertezas por todos os lados, e a maioria das avaliações dos economistas para os próximos quatro anos contava com Hillary Clinton como presidente. A neblina, agora, precisa ser desfeita pelos republicanos, para que o mercado se programe de forma segura."

A próxima reunião do Federal Reserve (Fed, o banco central americano), em dezembro, deverá determinar a manutenção da taxa de juros, para não assustar o mercado, diz Rubens Penha Cysne, professor da Escola Brasileira de Economia e Finanças da Fundação Getúlio Vargas (FGV). Esse cenário também coloca em dúvida a derrubada dos juros no Brasil.

Fora do palanque.

Em seu primeiro discurso após a confirmação da vitória, nesta quarta-feira, 9, o magnata adotou um tom conciliador, em que pregava a união nacional e evitava menções ao futuro da política externa americana.

O fato de não ter citado seus planos para o comércio exterior na fala inaugural é emblemático, avalia a economista Zeina Latif, da XP Investimentos.

"Mesmo governando com um Congresso dominado por seu partido e em um momento em que o mundo passa por uma forte onda protecionista, Trump deverá medir bem seus passos iniciais. Fora do contexto acalorado da campanha, propor a revisão de acordos como a Parceria Transpacífico (TPP) seria absurdo e dificilmente contaria com o apoio dos demais republicanos."

Trump também sofrerá pressão de grandes multinacionais, com fábricas espalhadas em diversas partes do mundo e que teriam seus esquemas de produção em rede global prejudicados, se levada adiante a promessa de sobretaxação de importados e saída de acordos comerciais, diz José Augusto Fernandes, diretor de políticas e estratégia da Confederação Nacional da Indústria (CNI).

STF encerra sessão sem julgar processo da terceirização

10/11/2016 – Tribuna PR

O Supremo Tribunal Federal (STF) encerrou a sessão ordinária desta quarta-feira, 9, sem julgar a validade da contratação de trabalhadores terceirizados para as principais atividades de empresas privadas, as chamadas atividade-fim. Os itens da pauta que não foram apreciados hoje ainda serão reagendados.

O tema será julgado com repercussão geral, portanto o processo pode mudar a atual forma de contratação direta de funcionários em todo o país. O relator da ação é o ministro Luiz Fux.

Atualmente, uma regra editada em 1994 pelo Tribunal Superior do Trabalho (TST) proíbe que empresas terceirizem sua atividade-fim por meio da contratação de outra que forneça a mão de obra para a realização de um determinado serviço.

Durante as primeiras horas da sessão desta quarta-feira os ministros fizeram uma homenagem ao ex-ministro Cezar Peluso, que se aposentou em agosto de 2012, sendo sucedido por Teori Zavascki. Estiveram presentes na cerimônia outros ex-ministros da Corte, como Joaquim Barbosa e Ayres Britto.

Sindifisco critica substitutivo aprovado ao projeto sobre carreiras

10/11/2016 – Tribuna PR

O substitutivo ao projeto de lei sobre as carreiras da Receita Federal aprovado nesta quarta-feira, 9, pela comissão especial do Congresso não agradou ao Sindicato Nacional dos Auditores Fiscais da Receita Federal do Brasil (Sindifisco Nacional).

Na opinião do presidente da entidade, Claudio Damasceno, o parecer apresentado pelo relator deputado Wellington Roberto (PR-PB) alterou o relatório de forma que torna a Receita "ingovernável". Em razão disso, a categoria continuará mobilizada, sendo o acirramento do movimento dos auditores fiscais uma alternativa, segundo ele.

"O relator desconstruiu o projeto de lei de tal forma que equiparou outros cargos da Receita a auditores fiscais sem concurso público. Não tem como aceitar o que foi feito na comissão", disse Damasceno ao Broadcast, sistema de notícias em tempo real do Grupo Estado.

O substitutivo do deputado Wellington Roberto foi aprovado hoje por 16 votos a 13, com registro de uma abstenção. Amanhã, a comissão deve voltar a se reunir para votação dos destaques ao texto. A expectativa do Sindifisco Nacional é que algo possa ser corrigido com os destaques. "Resta ao governo assumir a condução do processo", disse Damasceno.

Os pontos mais polêmicos do substitutivo aprovado são a extensão de prerrogativas de autoridade a outras carreiras além dos auditores e a criação de bônus de eficiência também para carreiras administrativas.

O texto apresentado pelo relator, na opinião do Sindifisco, desfigura aquilo que já estava fechado com o Planalto, desestrutura a Receita Federal, compartilha atividades exclusivas dos auditores. "O efeito disso será a paralisação da máquina que investiga esquemas de corrupção", avalia o Sindifisco.

Relações entre Brasil e EUA não deverão mudar com eleição de Trump, diz MDIC

10/11/2016 – Tribuna PR

O ministro da Indústria, Comércio Exterior e Serviços, Marcos Pereira, afirmou nesta quarta-feira, 9, que as relações entre Brasil e Estados Unidos não deverão mudar com a eleição do candidato do Partido Republicano, Donald Trump, como presidente.

"São relações históricas, de longa data, e queremos crer que não deverá ter grandes alterações. É preciso que, dada a campanha que se teve nos EUA, a gente aguarde um pouco. Estamos na fase de observação", disse Pereira, após participar de evento de lançamento do programa Brasil Mais Produtivo, na sede da Federação das Indústrias do Rio (Firjan).

Questionado, Pereira admitiu que o discurso de Trump sobre protecionismo "é uma preocupação", mas esse tema tem sido debatido nos fóruns internacionais. "É um tema

que está sendo discutido na OMC, no G-20, nos Brics, e com a posição do presidente eleito dos EUA, o tema deverá ganhar mais relevância nas discussões nos organismos internacionais”, disse o ministro.

Pereira também demonstrou confiança de que a negociação de acordos comerciais com os EUA deverá prosseguir. Segundo o ministro, o Brasil vinha negociando a ampliação de acordos com os americanos, mas as conversas foram suspensas por causa da eleição, algo normal “quando há troca de governo”.

“Acredito que a gente tem condições de avançar. São dois grandes países, que têm maturidade para discutir as suas relações e espero muito que a gente consiga avançar e não retroceder”, afirmou Pereira.

Diante da perspectiva de elevação na cotação do dólar por causa da eleição de Trump, o ministro disse que o mercado cuidará do tema. “Uma parcela do setor produtivo brasileiro quer o dólar mais alto. Há uma parcela que quer o dólar mais baixo. O mercado vai cuidar desse tema”, disse Pereira.

Com R\$ 500 milhões, Temer lança Cartão Reforma

10/11/2016 – Tribuna PR

Em evento no Palácio do Planalto para cerca de 650 pessoas, a maioria empresários e políticos, o governo federal lançou nesta quarta-feira, 9, o Cartão Reforma. Como antecipou o **Estadão**, o programa bancará até R\$ 9 mil em material de construção para a reforma de moradias.

O valor é 100% subsidiado pelo Tesouro. Os beneficiários terão de assumir o custo da mão de obra. O orçamento em 2017 será de R\$ 500 milhões. O presidente Michel Temer afirmou que o programa visa a gerar empregos.

Joaquim Levy diz que pretende aprofundar parceria do Banco Mundial com Brasil

10/11/2016 – Tribuna PR

O ex-ministro da Fazenda e agora diretor financeiro do Banco Mundial, Joaquim Levy, esteve nesta quarta-feira, 9, no ministério para conversar com o secretário executivo, Eduardo Guardia, e disse que pretende aprofundar a parceria de muito tempo do organismo internacional com o Brasil.

“O Banco Mundial sempre busca apoiar e dar melhores condições para os negócios de empresas que podem ajudar a aumentar o emprego. Também temos histórico em ações de combate à pobreza”, limitou-se a dizer ao deixar o ministério.

Questionado sobre os impactos que a eleição de Donald Trump à presidência dos Estados Unidos possa ter na economia mundial, Levy apenas disse que “essa é uma questão que ainda precisa ser avaliada”.

‘Estamos acompanhando os mercados globais e do Brasil’, diz presidente do BC

10/11/2016 – Tribuna PR

Depois de encontro semanal com o ministro da Fazenda, Henrique Meirelles, o presidente do Banco Central, Ilan Goldfajn, evitou comentar a eleição de Donald Trump para a presidência dos Estados Unidos. Questionado pela imprensa, ele fez apenas uma declaração sobre “mercados”.

“Estamos acompanhando os mercados globais e do Brasil e, se necessário, tomaremos as medidas adequadas”, disse.

Mais cedo, o Banco Central cancelou o leilão de swap cambial reverso que estava marcado para ocorrer nesta quarta-feira. Segundo o BC, a instituição cancelou a operação por entender ser “prudente” diante do cenário de maior volatilidade no mercado financeiro nesta quarta.

De 34 projetos na carteira do PPI, dez serão endereçados este mês, diz secretário

10/11/2016 – Tribuna PR

Dos 34 empreendimentos integrantes da carteira do Programa de Parcerias de Investimentos (PPI), dez serão endereçados este mês, disse nesta quarta-feira, 9, o secretário de Coordenação de Projetos do Programa de Parcerias de Investimentos, Tarcísio Freitas, durante a 25ª Assembleia da Airport Council International – Latin America and Caribbean (ACI-LAC).

Segundo ele, serão publicados os editais de quatro aeroportos e de três terminais portuários (dois de combustíveis no Pará e um de trigo no Rio de Janeiro). Está também programado para o dia 30 o leilão da Celg. E, na quinta-feira, 10, serão autorizadas as prorrogações antecipadas de contrato de dois terminais portuários, um de contêineres em Salvador e um de fertilizantes em Paranaguá (PR).

Juntos, os dois movimentarão investimentos de R\$ 750 milhões e gerarão perto de 1.000 empregos. Os contratos serão assinados em cerimônia no Palácio do Planalto, com a presença do presidente Michel Temer.

A Medida Provisória das Concessões, que o governo pretende editar nos próximos dias, vai permitir que se utilize a arbitragem inclusive no reequilíbrio econômico-financeiro dos contratos. “Isso era requerido pelo mercado, mas era um tabu para o nosso regulamento”, disse Freitas. Havia problemas, sobretudo, com o Tribunal de Contas da União (TCU) sobre o alcance da arbitragem.

Esse novo instrumento é a aposta do governo para resolver as concessões que enfrentam problemas financeiros, como as arrematadas pelas construtoras em investigação na Operação Lava Jato.

A MP também dará amparo a uma “grande rodada de prorrogações de contratos de concessões ferroviárias”. A ideia, disse o secretário, é solucionar gargalos antigos, como o acesso à baixada santista. Segundo ele, de 34 projetos na carteira do PPI, dez serão endereçados este mês.

Cade aprova com restrições criação de bureau de crédito por bancos

10/11/2016 – Tribuna PR

O Conselho Administrativo de Defesa Econômica (Cade) aprovou, com restrições, a associação entre o Banco do Brasil, Bradesco, Caixa Econômica, Itaú e Santander que resultará na criação de um bureau de crédito.

Chamada de Gestora de Inteligência de Crédito (GIC), a nova companhia fornecerá informações sobre adimplência e inadimplência de clientes pessoas físicas e jurídicas e terá seu controle compartilhado entre as instituições financeiras.

Para ter a operação aprovada, os bancos assinaram um acordo com o Cade que prevê obrigações como garantias de não discriminação de concorrentes como o Serasa e o SPC no repasse de informações, manutenção da contratação de serviços dos

concorrentes, metas para o crescimento do cadastro positivo e criação de mecanismos de governança corporativa para evitar troca de informações entre os bancos sócios no empreendimento.

“Os bancos poderiam se limitar a oferecer informações financeiras apenas à GIC, sendo que a informação é o principal ativo dos outros bureaus de crédito”, afirmou o conselheiro relator, Paulo Burnier.

O voto do conselheiro relator pela aprovação condicionada à assinatura do acordo foi seguido pela maioria dos conselheiros. A conselheira Cristiane Alkmin votou contra e foi seguida pelo conselheiro João Paulo Resende – ela propôs a aprovação da operação com restrições adicionais, como a criação de um comitê de monitoramento composto por membros de empresas concorrentes para fiscalizar a atividade da GIC.

A advogada dos bancos, Bárbara Rosenberg, disse que a criação da GIC representa importante passo para o sistema financeiro nacional e é competitiva por inserir um novo player nesse mercado. “A gestora vai contribuir para melhoria do acesso ao crédito e redução da inadimplência e do superendividamento”, afirmou.

Histórico

A parceria entre os cinco bancos foi anunciada em janeiro deste ano e notificada ao Cade em abril. No início de setembro, a superintendência geral do Cade havia recomendado a aprovação condicionada à celebração de um acordo com os bancos.

Para a superintendência, o mercado de informações de crédito seria afetado porque os bancos são fornecedores de informações aos concorrentes do novo bureau, além de consumidores dos serviços prestados por eles.

“Essa integração vertical poderia propiciar a prática de condutas anticompetitivas, como a discriminação no acesso a informações geradas pelos bancos aos bureaus de crédito existentes no mercado e que serão concorrentes da joint venture criada, além da discriminação do acesso de bancos concorrentes aos serviços do novo bureau”, afirmou o parecer da superintendência.

Sindicombustíveis-PR solta nota sobre redução de preços dos combustíveis

10/11/2016 – Bem Paraná

A medida é bem vista por todo o setor da revenda de combustíveis, pois confirma a nova postura de acompanhar a variação do mercado internacional, sem intervencionismo de natureza política.

Preços mais baixos são positivos para todo o mercado, por fomentar à venda e estimular a economia de forma geral.

Esclarecemos, contudo, que os postos de combustíveis representam a última etapa da cadeia de comercialização, recebendo os produtos por meio das distribuidoras, que têm liberdade para praticar seus preços, dentro de um mercado livre.

Até o momento, não recebemos informações oficiais sobre como as distribuidoras vão trabalhar com a nova política de preços. Qualquer tendência de redução, naturalmente, depende de como as distribuidoras vão atuar.

Após o anúncio anterior da Petrobras, em outubro, as distribuidoras não ofereceram as aguardadas reduções aos postos, fato decorrido da grande alta do etanol e do biodiesel. Na ocasião, a divulgada redução acabou por ser neutralizada por esta alta dos biocombustíveis. Relembramos que, por força de portaria do governo federal, o

etanol representa 27% da mistura na gasolina comercializada no Brasil. O diesel B, por sua vez, recebe a adição de 7% de biodiesel.

Concluimos salientando que não é função do Sindicato formular, fiscalizar ou sequer monitorar preços, uma vez que o mercado é livre e cada revendedor tem autonomia para exercer sua própria política de precificação.

Por isso a entidade se manifesta com grande cuidado em situações que envolvem preço, para que não ocorram interpretações erradas, tanto por parte da mídia como por parte de órgãos fiscalizadores.

Sindicato dos postos dos Paraná não garante preço mais baixo

10/11/2016 – Bem Paraná

O Sindicato dos Revendedores de Combustíveis e Lojas de Conveniências do Estado do Paraná (Sindicombustíveis) não garante que o preço da gasolina e do óleo diesel terá redução para o consumidor final nos próximos dias, como estima a Petrobras. Ontem, o sindicato emitiu nota, comentando o anúncio de que o preço nas refinarias dos dois combustíveis teria queda a partir de ontem.

“A medida é bem vista por todo o setor da revenda de combustíveis”, diz a nota. “Esclarecemos, contudo, que os postos de combustíveis representam a última etapa da cadeia de comercialização, recebendo os produtos por meio das distribuidoras, que têm liberdade para praticar seus preços, dentro de um mercado livre”.

Segundo o Sindicombustíveis, em outubro, quando a Petrobras também reduziu o preço nas refinarias, praticamente não houve mudança no preço na bomba da gasolina e do diesel. “Após o anúncio anterior da Petrobras, em outubro, as distribuidoras não ofereceram as aguardadas reduções aos postos, fato decorrido da grande alta do etanol e do biodiesel”, esclarece o sindicato na nota.

Na terça-feira a Petrobras anunciou que a partir do dia 9, o preço da gasolina nas refinarias teria redução de 3,1% e do óleo diesel de 10,4%. Ontem, novamente foi divulgada uma estimativa de que se a redução for repassada para os postos, a gasolina poderia ficar até R\$ 0,05 mais barata para o consumidor.

Ações da Vale sobem 5% com alta do minério na China; Bolsa cai 1,2%

10/11/2016 – Bem Paraná

Os papéis da mineradora Vale lideram o ranking de maiores altas do Ibovespa nesta quarta-feira (9) e limitam a queda do principal índice da Bolsa brasileira, diante da inesperada vitória do republicano Donald Trump para a presidência dos EUA.

As ações ordinárias (ON) da companhia subiam há pouco 5,71%, a R\$ 25,34, e as preferenciais classe A (PNA) ganhavam 4,20%, a R\$ 23,54. Já o principal índice da Bolsa perdia 1,19%, aos 63.393,15 pontos.

Entre as siderúrgicas, Gerdau PN subia 5,56%; Metalúrgica Gerdau, +3,33%; CSN ON, +2,74%; e Usiminas PNA, 4,22%. O motivo para alta das ações da Vale e de siderúrgicas é o avanço do preço do minério de ferro na China para a casa dos US\$ 70 a tonelada, maior cotação desde janeiro de 2015.

O mercado chinês é o maior consumidor mundial da commodity. A alta é sustentada pela forte demanda pela matéria-prima e pelo aço, cujos preços também subiram.

O minério de ferro para entrega em Qingdao, na China, subiu 3,92% nesta quarta-feira, para US\$ 70,98 a tonelada. Na Europa, as ações de empresas do setor de mineração -BHP Billiton, Rio Tinto e Glencore- também operam em forte alta.

As dez maiores empresas do Paraná

10/11/2016 – Gazeta do Povo



O ranking das dez maiores empresas do Paraná teve mudanças importantes na passagem de 2014 para 2015, segundo dados divulgados nesta quarta-feira (9) pela revista "Amanhã" e a empresa de auditoria PwC durante o lançamento do anuário "500 Maiores do Sul".

Vendida para a Telefônica/Vivo, a operadora de telecomunicações GVT deixou de existir e, portanto, saiu da lista. A fabricante de eletrodomésticos Electrolux, que sofreu com a forte retração do consumo doméstico, também saiu do top 10.

Em compensação, entraram para o rol a cooperativa C. Vale, de Palotina, no Oeste do estado, e o Banco Sistema. A instituição financeira, que reúne a massa falida do Bamerindus, foi comprada em dezembro de 2014 pelo banco BTG Pactual, que transferiu a ela sua carteira de crédito, a fim de aproveitar créditos fiscais.

Outro destaque da lista foi a ascensão da Itaipu. Beneficiada pelo aumento do preço da energia, pela alta do dólar e pela maior produção em 2015, a binacional saltou da sétima posição em 2014 para a terceira no ano passado.

Outra empresa de energia, a Copel, se manteve na liderança do ranking paranaense, com uma vantagem que tende a se ampliar em 2016, com a saída do HSBC, o segundo colocado – a filial brasileira do banco inglês foi vendida para o Bradesco.

As maiores empresas, pelos critérios da "Amanhã" e da PwC, são as empresas que alcançaram o maior Valor Ponderado de Grandeza (VPG), indicador composto de patrimônio líquido (50%), receita líquida (40%) e lucro ou prejuízo líquido (10%).

As dez maiores empresas do Paraná

Pelo Valor Ponderado de Grandeza (VPG)

1. Copel (e controladas) – R\$ 13,310 bilhões
2. HSBC – R\$ 13,236 bilhões
3. Itaipu – R\$ 6,739 bilhões
4. Coamo – R\$ 5,931 bilhões
5. Klabin – R\$ 4,826 bilhões
6. Banco Sistema – R\$ 3,809 bilhões
7. Renault – R\$ 3,467 bilhões
8. Sanepar – R\$ 3,322 bilhões
9. C. Vale – R\$ 2,833 bilhões
10. ALL (e controladas) – R\$ 2,665 bilhões

As dez maiores empresas da Região Sul

Pelo Valor Ponderado de Grandeza (VPG)

1. Gerdau (grupo) – RS – R\$ 32,958 bilhões
2. BRF Brasil Foods – SC – R\$ 20,110 bilhões
3. Bunge Alimentos – SC – R\$ 18,288 bilhões
4. Copel (e controladas) – PR – R\$ 13,310 bilhões
5. HSBC – PR – R\$ 13,236 bilhões
6. Sicredi (consolidado) – RS – R\$ 7,794 bilhões
7. Banrisul – RS – R\$ 7,510 bilhões
8. WEG (grupo) – SC – R\$ 7,099 bilhões
9. Itaipu – PR – R\$ 6,739 bilhões
10. Engie Brasil Energia (ex-Tractebel) – SC – R\$ 6,076 bilhões

Venda da GVT enfraquece Paraná na lista das maiores empresas do Sul

10/11/2016 – Gazeta do Povo

Fatia do estado em ranking da revista "Amanhã" e da PwC diminuiu no ano passado. Efeito da saída do HSBC ainda está por vir



A venda da operadora de telecomunicações GVT para a Telefônica/Vivo enfraqueceu a posição do Paraná na lista das 500 maiores empresas da Região Sul, elaborada pela revista **Amanhã** e a empresa de auditoria PwC.

A participação do estado no Valor Ponderado de Grandeza – VPG, indicador composto por patrimônio líquido (50%), receita líquida (40%) e lucro líquido (10%) – da região baixou de 36% em 2014 para 35% no ano passado.

R\$ 122,4 bilhões...

... foi o Valor Ponderado de Grandeza (VPG), em 2015, das empresas paranaenses listadas no ranking das 500 maiores do Sul. O valor é 4,7% superior ao de 2014. O indicador de toda a região subiu 6,1%, para R\$ 348,4 bilhões.

No mesmo intervalo, a fatia de Santa Catarina se manteve em 27% e a do Rio Grande do Sul subiu de 37% para 38%. No início da década, o Paraná chegou a liderar o ranking dos VPGs do Sul, mas agora completou três anos na segunda colocação.

Além da saída da GVT, também pesou contra o estado a decisão do grupo JMalucelli de não publicar mais o balanço consolidado de suas 84 companhias. Juntas, GVT e JMalucelli somavam um VPG de R\$ 7 bilhões, segundo dados de 2014.

A próxima edição do ranking deve trazer uma nova baixa para o estado. O HSBC, listado em 2015 como a segunda maior empresa do Paraná, com VPG de R\$ 13,2 bilhões, foi vendido para o Bradesco. Adquirida pela empresa de logística Rumo, da Cosan, a ALL também corre o risco de sair da lista no futuro.

Enquanto algumas empresas deixam o ranking, outras se fortalecem. O caso das cooperativas é exemplar. Para ficar em apenas dois exemplos, num ano em que o PIB brasileiro encolheu 3,8%, o VPG da Coamo – a quarta maior empresa do Paraná – aumentou 21%. E o indicador da C. Vale cresceu 18%, o que a colocou na lista das dez maiores do estado.

Embora o Paraná tenha ficado atrás do Rio Grande do Sul nas últimas edições do ranking, o viés de crescimento da economia paranaense é mais forte, avalia Eugênio Esber, diretor de redação da "Amanhã": "A tendência é de que o Paraná ganhe mais espaço em razão de uma série de transformações em sua economia, da proximidade com São Paulo, da força do cooperativismo".

Eficiência

A recessão afetou a maioria dos indicadores corporativos. A receita líquida das 500 maiores do Sul, por exemplo, subiu 8,2% em 2015, abaixo da inflação (10,7%). E a rentabilidade sobre a receita líquida, de 8,5% em 2014, encolheu para 6,9%.

Entre as grandes do Paraná, os efeitos do encolhimento do mercado interno são muito claros em empresas como Renault, cuja receita caiu 11%, e Electrolux, que perdeu 9%.

Mas, para Carlos Peres, sócio-líder da PwC no Sul, as empresas sairão mais fortes da recessão. "Elas tiveram que visitar seus custos e seus processos. Isso se chama eficiência. E essa eficiência dá mais competitividade", diz.

Energia

O contexto de preços elevados favoreceu as empresas de energia em 2015. A Copel se manteve como a maior empresa do Paraná e 4ª do Sul. Mas o maior destaque foi Itaipu. Com produção de energia e dólar em alta, o VPG da binacional saltou 57%, o que a levou da 14ª para a 9ª posição no Sul, e da 7ª para a 3ª no Paraná.

Banco Sistema

Uma novidade no "top 10" do Paraná foi o Banco Sistema, novo nome da parte "podre" do extinto Bamerindus, comprada no fim de 2014 pelo BTG Pactual. Para aproveitar créditos tributários, o BTG transferiu ao Sistema todas as suas operações de crédito, o que explica a ascensão do "novato".

As dez mais

Conheça as maiores empresas do Paraná e da Região Sul, pelos dados de 2015:

Maiores empresas

Pelo Valor Ponderado de Grandeza (VPG)*, em R\$ bilhões

Paraná			Sul		
1º	Copel	13,3	1º	Gerdau (RS)	33,0
2º	HSBC	13,2	2º	BRF (SC)	20,1
3º	Itaipu	6,7	3º	Bunge (SC)	18,3
4º	Coamo	5,9	4º	Copel (PR)	13,3
5º	Klabin	4,8	5º	HSBC (PR)	13,2
6º	Banco Sistema	3,8	6º	Sicredi (RS)	7,8
7º	Renault	3,4	7º	Banrisul (RS)	7,5
8º	Sanepar	3,3	8º	WEG (SC)	7,1
9º	C. Vale	2,8	9º	Itaipu (PR)	6,7
10º	ALL	2,7	10º	Engie Brasil Energia (SC)	6,1

*Indicador composto de patrimônio líquido (50%), receita líquida (40%) e lucro líquido (10%)

Lucro do Banco do Brasil recua 18,9% no 3º trimestre, para R\$ 2,34 bilhões

10/11/2016 – Folha de S. Paulo

O lucro líquido ajustado do Banco do Brasil —que exclui efeitos extraordinários de receitas e custos—caiu 18,9% no terceiro trimestre deste ano, para R\$ 2,337 bilhões, informou a instituição financeira nesta quinta-feira (10).

Em relação aos três meses anteriores, quando o banco lucrou R\$ 1,801 bilhão, houve alta de 29,8%.

O lucro líquido contábil, que inclui a provisão extraordinárias com demandas contingentes e perdas com planos econômicos, somou R\$ 2,246 bilhões, queda de 26,6% ante o terceiro trimestre de 2015 e recuo de 8,9% na comparação com os três meses anteriores.

O banco atribuiu o resultado ainda à criação da Catenio em 2015, parceria com a Cielo na área de cartões, e também a uma provisão relacionada a uma companhia do setor de óleo e gás que analistas do mercado acreditam ser a Sete Brasil, empresa de sondas para o pré-sal que teve de pedir recuperação judicial.

A carteira de crédito do banco recuou 6,9% em relação ao terceiro trimestre de 2015, para R\$ 734 bilhões. Na comparação com os três meses anteriores, a queda foi de 2,3%.

O principal vetor da queda foram os empréstimos a empresas. A carteira do banco para pessoas jurídicas caiu 9,4% em relação a um ano antes, para R\$ 263,539 bilhões. Quando se compara com o segundo trimestre, a redução foi de 4,1%. Houve retração nas concessões a micro e pequenas empresas (-18,3%) e também a médias e grandes (-6%).

O crédito para pessoas físicas cresceu 3,8% na comparação anual, para R\$ 185,731 bilhões, mas caiu 0,9% em relação ao segundo trimestre. Os empréstimos consignados, considerados menos arriscados aos bancos por terem desconto em folha de pagamento, permaneceram praticamente estáveis tanto frente ao terceiro trimestre de 2015 quanto ao segundo trimestre deste ano.

A carteira de crédito imobiliário cresceu 17% e empréstimos pessoais aumentaram 1,8% na base anual. As linhas mais caras, cartão de crédito e cheque especial, cresceram 3,4% e 10,4%, respectivamente.

Na ponta contrária, o banco reduziu ainda mais o financiamento de veículos. Esses empréstimos caíram 18,3% na comparação anual e 12,1% na trimestral.

Com o resultado do terceiro trimestre, o BB revisou as projeções deste ano para sua carteira de crédito nas operações domésticas. Antes, calculava que poderia haver recuo de 2% ou crescimento de 1% no crédito concedido. Agora, estima queda na faixa entre 6% e 9%.

A maior revisão foi feita na carteira de pessoas jurídicas. O banco agora prevê recuo de 16% a 19% nos empréstimos a empresas. A estimativa anterior era de queda de 6% a 10%.

RECEITAS

A margem financeira do banco cresceu 13,9% em relação ao terceiro trimestre de 2015, ajudada pelo aumento da receita com empréstimos e pela recuperação de créditos. A margem é a diferença entre a taxa de captação de recursos e quanto a instituição cobra em um empréstimo.

A receita do banco com tarifas cresceu 5,8% na comparação anual, mas caiu 0,7% na base trimestral, afetada, entre outros fatores, pela queda de 10,1% em seguros, previdência e capitalização.

Do lado dos custos, as despesas operacionais do Banco do Brasil cresceram 9,9% em relação a setembro de 2015, para R\$ 13,655 bilhões. A alta foi de 3% ante o segundo trimestre. A principal pressão veio das despesas administrativas, que aumentaram

7,3% na comparação com o mesmo trimestre do ano passado. Só os gastos com pessoal subiram 10,9%, para R\$ 5,283 bilhões.

O índice de inadimplência medido por operações com atraso superior a 90 dias subiu de 2,06% no terceiro trimestre de 2015 para 3,51% nos três meses encerrados em setembro deste ano.

Com o desemprego em níveis recordes e inflação pressionando a renda dos consumidores, a inadimplência tem aumentado nos bancos que operam no Brasil. Itaú, Bradesco e Santander Brasil viram seus indicadores subirem no terceiro trimestre deste ano.

Lucro da Gerdau cai 50,8% no trimestre

10/11/2016 – Folha de S. Paulo



O grupo siderúrgico Gerdau divulgou nesta quarta-feira queda de 50,8% no lucro líquido ajustado do terceiro trimestre, a R\$ 95 milhões, afetado por recuo de vendas e preços menores.

A companhia também afirmou que estima investir R\$ 1,4 bilhão em 2017 ante expectativa de R\$ 1,5 bilhão em 2016.

A maior produtora de aços longos das Américas apurou geração de caixa medida pelo lucro antes de juros, impostos, depreciação e amortização (Ebitda) ajustado de R\$ 1,2 bilhão, 7% abaixo do obtido no mesmo período do ano passado.

A receita líquida recuou 27,1% no período, a R\$ 8,669 bilhões, mas os custos das vendas tiveram queda de 28,6%, a R\$ 7,652 bilhões.

A Gerdau produziu 3,894 milhões de toneladas de aço bruto de julho a setembro, volume 7,3% menor que o produzido no terceiro trimestre de 2015 e 9,5% abaixo do registrado no segundo trimestre deste ano.

A performance foi atingida em parte por redução de vendas na América do Norte, unidade que gera cerca de um terço do Ebitda da Gerdau.

As vendas de aço na região que abrange Canadá, Estados Unidos e México e não inclui operações com aços especiais, caíram 17,5% em volume, a 1,37 milhão de toneladas, impactadas por "forte competição dos importados na região e menor atividade industrial, além do momento de cautela quanto a definição do cenário político".

Com isso, a receita líquida da Gerdau na América do Norte caiu 28,2% em reais, a US\$ 3,47 bilhões e o Ebitda teve queda de 47,2%.

No Brasil, a companhia seguiu sofrendo com cenário recessivo, com recuo de 23,5% nas vendas de aço, a 1,48 milhão de toneladas. As exportações recuaram quase 32% diante de um câmbio menos favorável e as vendas no mercado interno tiveram queda de 17,7%.

A receita líquida da empresa no Brasil caiu 20,2% no terceiro trimestre, a R\$ 2,97 bilhões, mas o Ebitda avançou 24,5%, apoiado em um corte de 25,3% nos custos com vendas.

Redução nos valores do combustível dá alívio na inflação

10/11/2016 – GS Notícias

A redução do preço dos combustíveis, anunciada pela Petrobras na última terça-feira, vai contribuir para esfriar a inflação neste fim de ano. Se, por um lado, a alta do etanol tem pressionado o preço da gasolina, por outro, o corte de 3,1% no preço do derivado de petróleo ajudará a segurar os custos de transporte, classe de despesas que mais subiu em outubro, com alta de 0,75%.

Apesar desse impulso, o Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) teve alta de 0,26% no mês passado, a menor para o período desde 2000, informou ontem o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Em outubro, o litro do etanol aumentou, em média, 6,09%. Isso provocou elevação de 1,22% no preço da gasolina, que tem 27% de álcool na sua composição. Sem a redução de preços anunciada pela Petrobras, analistas acreditam que os dois produtos voltariam a pressionar os custos de transporte no último bimestre, gerando inflação maior.

O economista-chefe da MacroAgro Consultoria Econômica, Carlos Thadeu Gomes Filho, avaliou que o efeito da redução da gasolina será mitigado pela alta do etanol, mas também pelo recuo nas vendas de combustíveis.

"Os varejistas devem repor um pouco de margem em decorrência dessa queda. Mas não fosse pela Petrobras, os preços poderiam até subir", avaliou ele, que prevê estabilidade nas despesas com gasolina. A previsão é compartilhada pelo economista Fábio Silveira, sócio-diretor da MacroSector.

"Com essa redução adicional da gasolina, devemos ter uma menor pressão sobre o IPCA em dezembro. Com isso, a inflação daquele mês deve ser modesta, abaixo de 0,30% novamente", projetou.

Governo frustra projetos de novo Refis e venda de créditos tributários

10/11/2016 – GS Notícias



O governo está frustrando parlamentares da base aliada e representantes de entidades empresariais que buscam apoio para projetos sobre abertura de novo Refis - programa de recuperação fiscal de empresas e pessoas físicas.

Indefinição semelhante também atinge propostas que preveem a venda de créditos tributários no mercado financeiro para aliviar a queda de arrecadação enfrentada tanto na União quanto em Estados e municípios.

Mesmo com a promessa de recuperar os cofres federais com somas bilionárias, os projetos não entraram na pauta de prioridades da liderança do governo e da presidência da Câmara, apesar de contar com o apoio de líderes governistas e da oposição.

Até julho passado, o saldo da Dívida Ativa da União registrou R\$1,162 trilhão de débitos tributário. Isso sem incluir as dívidas não tributárias, que superam a cifra de R\$ 300 bilhões.

A maior parte desses débitos (62% ou R\$ 723,3 bilhões) pertence a cerca de 12 mil empresas. Juntos, apenas os 500 maiores devedores da União acumulam débitos de R\$ 392,3 bilhões. Em dezembro do ano passado, a dívida era de R\$ 1,58 trilhão, superando a arrecadação de 2015, que foi de R\$ 1,27 trilhão.

Autores das propostas de refis, os deputados federais Alfredo Kaefer (PSL-PR) e Luiz Carlos Hauly (PSDB-PR), reconhecem que somente com a pressão da base e das entidades empresariais será possível reverter a falta de apoio às proposições.

"Nós estamos negociando com o governo, mas, se ele não der o sinal verde, não adianta nada", explicou Hauly ao DCI, referindo-se ao projeto de sua autoria que, segundo ele, conta com o consenso dos integrantes da Comissão de Finanças e Tributação.

Em outra frente, o deputado Alfredo Kaefer apresentou um substitutivo ao texto do projeto que regulamenta a venda de créditos da dívida ativa da União, Estados e municípios, incluindo o programa de refinanciamento das dívidas fiscais das entidades privadas.

O líder do governo na Câmara, deputado André Moura (PSC-SE), não retornou pedidos de informações sobre o assunto. O ministro da Casa Civil, Eliseu Padilha (PMDB), também não atualizou o andamento de pedido encaminhado a ele, em agosto, pelo deputado Alfredo Kaefer.

O projeto de Kaefer prevê um novo Refis em condições ainda mais vantajosas. Isso porque, além dos descontos, prevê a troca do indexador de reajuste da dívida (juros), substituindo a taxa Selic de 14% ao ano mais 1% anual, pelo INPC, que mede a inflação e cuja variação gira em torno de 7% ao ano. "A Receita ainda não consegue enxergar a real necessidade do Refis para a própria Dívida Ativa", disse.

A alegação da Receita Federal é a de que as empresas que aderem ao Refis não terminam de pagar suas contas. De acordo com o órgão, as pessoas jurídicas se juntam ao programa, limpam momentaneamente "o nome" das empresas, usufruem dos benefícios, e deixam de quitar os débitos do acordo, aguardando pelo próximo.

"Há falta de interesse do contribuinte em regularizar a sua situação fiscal, mesmo com as reduções concebidas", afirma a Receita em estudo sobre o tema encaminhado ao DCI.

Investir em infraestrutura no Brasil tem risco acima da média

10/11/2016 – GS Notícias

Quase 80% dos empresários avaliam que investir em projetos de infraestrutura no Brasil tem risco elevado e acima da média mundial. Além de questões ambientais e de desapropriação, o aumento da judicialização no setor tem sido um grande entrave para 67% dos empreendedores, que pedem o aperfeiçoamento da regulamentação atual, revela uma pesquisa feita pela Câmara Americana de Comércio Brasil-Estados

Unidos (Amcham) e Associação Brasileira da Infraestrutura e Indústrias de Base (Abdib).

De acordo com a sondagem, 69% dos empresários veem o ambiente de negócios em infraestrutura como ruim ou péssimo. "Era um resultado esperado uma vez que um dos elementos essenciais em infraestrutura é ter um ambiente econômico e político estável", diz a presidente executiva da Amcham, Deborah Vieitas.

Para chefe do Nasdaq, é preciso reportar melhor benefícios da globalização

10/11/2016 – GS Notícias

A vitória de Donald Trump nas eleições americanas é um sinal de alarme para o mundo dos negócios, que deve comunicar melhor os benefícios da globalização e do comércio, disse nesta quarta-feira o responsável pelo Nasdaq, o índice tecnológico dos Estados Unidos.

"Entramos em uma época antiglobalização e anticomércio. Nós, na comunidade de negócios, temos que fazer um trabalho melhor, comunicando os benefícios porque grandes setores da população não estão recebendo a mensagem" disse Bob Greifeld, que participa em Lisboa no Web Summit.

O executivo de Nasdaq foi cauteloso em relativizar o impacto da vitória de Trump, já que "os patriarcas fundadores (dos EUA) previram uma separação de poderes, ele foi eleito presidente, não ditador".

Para ele, tanto o Brexit como a vitória de Trump devem constituir um sinal de alerta.

"O Brexit foi o início. Quando visitamos nossos escritórios na Europa, observamos um movimento populista de extrema direita que foi subavaliada pelas pesquisas", acrescentou.

Na Renault, crise não gerou ociosidade

10/11/2016 – Automotive Business



Enquanto boa parte das montadoras amarga com alta ociosidade em suas fábricas brasileiras, a Renault faz inveja ao trabalhar com mais de 85% de ocupação da capacidade produtiva em dois turnos de operação na planta de Curitiba (PR). O índice já elevado impressiona ainda mais por se tratar de uma planta que passou por expansão recente e alcançou potencial para fabricar 380 mil carros por ano.

Fabrice Cambolive, presidente da Renault do Brasil, aponta que as exportações são grande impulso para a performance. Segundo ele, de 20% a 35% do que é feito na unidade paranaense é exportado para outros países da América Latina, entre motores e veículos. O número varia de acordo com o perfil de cada produto.

Além disso, localmente, apesar de as vendas terem diminuído em volume, a empresa ganha market share de forma consistente. "Desde 2010 estamos aumentando a nossa presença de mercado. A meta é subir passo a passo, de forma consistente", conta

Cambolive. Segundo ele, há cinco anos a Renault respondia por 4,8% das vendas ao mercado interno. Este percentual deve chegar a 7,5% este ano. "Temos potencial para alcançar 8% de market share com a nova gama de SUVs", estima o presidente da marca, sem cravar um prazo para isso.

O portfólio de utilitários esportivos da marca é destaque no Salão do Automóvel de São Paulo, que acontece até 20 de novembro. A companhia aposta no Kwid como seu SUV de entrada, seguido pela Duster, já à venda, pelo Captur, que já está em produção, e pelo Koleos, que será importado da França a partir do ano que vem. A ideia é oferecer utilitários esportivos de diversos tamanhos e para todos os bolsos.

Chery fará dois novos carros em Jacareí

10/11/2016 – Automotive Business



A Chery promete dois novos modelos para sua fábrica de Jacareí em 2017. A montadora chinesa passou o segundo semestre adaptando a planta do interior paulista para receber os novos modelos e vem ao Salão do Automóvel 2016 (de 10 a 20 de novembro no São Paulo Expo) com o slogan New Generation is Coming.

O primeiro a chegar dessa nova geração será o utilitário esportivo Tiggo 2. Com desenho bem resolvido, ele entra em linha no primeiro semestre de 2017. A motorização divulgada é 1.5 flex com até 109 cavalos. O pequeno SUV mede 4,2 metros e tem distância entre eixos de 2,55 m.

O outro modelo é o sedã médio Arrizo 5, este previsto para o segundo semestre. Os modelos têm plataformas diferentes e conviverão na fábrica com Celer e QQ, ao menos por enquanto, já que a renovação proposta pelo novo mote põe em xeque a linha antiga. O futuro do Celer parece incerto em 2017. O vice-presidente da montadora, Luis Curi, diz apenas que seu fim "não está previsto nos planos da empresa".

Curi também admite que a chegada da nova geração favorece a rede de revendas, já que os carros têm maior valor agregado. "Nos últimos dois anos foram fechadas 44 concessionárias", afirma o executivo. "Hoje temos 37 representantes e alguns deles 'são e não são concessionários'", diz Curi, referindo-se ao mau momento de mercado e à situação vivida pela rede.

Curi afirma ter feito uma via sacra por países da América do Sul e homologado modelos nesses mercados para poder exportá-los. A operação deve começar pela Argentina.

Mitsubishi montará Outlander no Brasil

10/11/2016 – Automotive Business



A Mitsubishi confirmou a produção do utilitário esportivo Outlander em sua fábrica de Catalão (GO). "O início deve ocorrer ainda em 2017, mas ainda não temos uma data definida", afirma o presidente da empresa, Robert Rittscher. A informação foi

divulgada durante coletiva no estande da montadora do Salão do Automóvel (de 10 a 20 de novembro no São Paulo Expo).

A fábrica goiana passou por uma ampliação, que terminou em 2015, mas a montagem local do Outlander ainda depende da chegada de ferramentais e outros fatores, de acordo com o executivo. A Mitsubishi chegou a operar em três turnos em Catalão antes do término da ampliação. Há dois anos a empresa tinha 4 mil funcionários, mas o quadro atual foi reduzido para 2,5 mil colaboradores.

Entre os destaques da Mitsubishi no evento está o ASX 2017, que passou por uma pequena reestilização. O modelo estará nas concessionárias nos próximos dias.

Maserati anuncia sua estreia no mundo dos SUVs

10/11/2016 – Automotive Business



A Maserati volta à cena do segmento de luxo no Brasil e aproveita o Salão do Automóvel de São Paulo para anunciar sua estreia no segmento mais disputado atualmente, o de SUVs, com o lançamento do Levante. Após 3 anos de pesquisa sobre este mercado, é a primeira vez em 102 anos de existência que a marca opta por desenvolver um SUV.

O modelo luxuoso chega com duas configurações de motor, de 350 cv e o denominado Levante S (Sport) com 430 cv. Serão duas versões de acabamento, Luxury e Sport, cujos preços são de R\$ 640 mil e R\$ 740 mil, que podem variar conforme o pacote de opcionais.

“Decidimos entrar neste segmento porque é o que mais cresce em todas as principais regiões do mundo e que está em constante renovação”, declara o diretor da Maserati da importadora Via Itália, Paulo Ferreira.

“Há 3 anos, quando chegamos com o Ghibli e apenas três modelos, consideramos que não haveria futuro ou sustentação dos negócios com um portfólio pequeno e o Levante veio para consolidar esse processo de novos produtos para o futuro da marca”, completa. “Ele marca a inovação dentro da Maserati e dentro do próprio segmento”.

Segundo o executivo, o Levante já deveria ter chegado ao Brasil há mais tempo, mas a crise postergou o plano. Ele revela que a pré-venda começou em julho deste ano e que as primeiras unidades já estão sendo entregues, embora a maior parte do estoque deva chegar só em dezembro. Ele será vendido na única revenda da Maserati no Brasil, uma concessionária da rede Via Itália localizada em São Paulo, sua importadora exclusiva no Brasil.

"Imagens elétricas" rastreiam água se infiltrando pelo concreto

10/11/2016 – CIMM

Pesquisadores da Universidade da Carolina do Norte, nos EUA, desenvolveram uma técnica capaz de rastrear a água que se infiltra pelas estruturas de concreto.

"A tecnologia pode não apenas determinar se a água está se infiltrando pelo concreto e onde, mas também a velocidade com que ela está se movendo, quanta água há e

como as rachaduras ou danos existentes estão influenciando o movimento da água", explicou o professor Mohammad Pour-Ghaz.

Água infiltrando pelo concreto é sempre um problema, não apenas respondendo ela própria pela degradação, como também levando outros elementos dissolvidos, que podem induzir uma corrosão ainda mais acelerada da estrutura.

Imageamento elétrico

A técnica utiliza uma série de eletrodos que são colocados em volta da estrutura de concreto, sejam lajes, vigas, pilares ou qualquer outra estrutura de formato mais complexo.

Um programa de computador controla o disparo de pequenas correntes elétricas entre dois eletrodos de cada vez, circulando entre todas as combinações possíveis de eletrodos.

A cada vez que a corrente circula entre dois pontos, o programa grava o potencial elétrico em todos os eletrodos na estrutura. Ao final, o conjunto completo de dados permite gerar uma imagem tridimensional da água no interior do concreto com base nas mudanças na condutividade elétrica de cada trajeto entre os eletrodos.

"Nossa tecnologia de imageamento elétrico está pronta para ser acondicionada em uma caixa e comercializada para uso laboratorial, e nós também estamos querendo trabalhar com o setor privado para ampliá-la para uso como ferramenta de campo para avaliar a integridade de estruturas," disse Pour-Ghaz.

Raios X do concreto

Quando desenvolvido para uso no campo, o imageamento elétrico da perfusão de água no concreto pode se tornar uma alternativa vantajosa às técnicas disponíveis hoje, basicamente as imagens por raios X e a radiação de nêutrons.

Os raios X têm uma penetração limitada no concreto, não funcionando com amostras grandes ou em estruturas reais. A radiação de nêutrons é mais precisa, mas também tem penetração limitada, é cara e apresenta riscos à saúde e segurança, explicou Pour-Ghaz.

Honda produzirá novo SUV compacto "WRV" no Brasil, diz executivo

10/11/2016 – CIMM

A Honda produzirá o novo modelo SUV compacto "WRV" no Brasil a partir do segundo semestre de 2017 e comercializará o veículo na América do Sul, disseram executivos da montadora na terça-feira.

Falando em um evento do setor em São Paulo, o chefe da Honda na América do Sul, Issao Mizoguchi, disse que o WRV será o primeiro novo veículo desenvolvido sob a liderança da equipe no Brasil.

Montadoras visam recuperação moderada em Salão do Automóvel modesto em São Paulo

10/11/2016 – CIMM

Os estandes cheios de metais brilhantes são menores do que em outros tempos e modelos totalmente novos são raros. Até a maior parte das previsões de recuperação das vendas foi modesta, para combinar com o clima da abertura do Salão do Automóvel de São Paulo deste ano.

Isso tudo reflete a crise que abala o mercado automobilístico brasileiro, que já foi o quarto maior do mundo. Desde que atingiu os 3,8 milhões de veículos em 2012, o mercado diminuiu quase pela metade.

Executivos procuraram mostrar otimismo. A maioria disse que o esperado fim da recessão no ano que vem permitirá crescimento de um dígito para o mercado, o primeiro aumento de vendas em cinco anos.

Ainda assim poucos pareceram prontos para fazer novas apostas em um mercado em que as montadoras investiram bilhões em novas fábricas às vésperas da recessão. Mais da metade da capacidade produtiva no Brasil está ociosa.

A Volkswagen anunciou que vai investir 7 bilhões de reais até 2020, ante plano anterior de 10 bilhões entre 2014 e 2018, disse o presidente-executivo da montadora no Brasil, David Powels.

O novo presidente da Ford para a América do Sul, Lyle Watters disse que a montadora norte-americana planeja se recuperar após ter caído do quarto para o sexto lugar no mercado, mas não explicou como.

"Eu não saio da cama de manhã para estar em sexto lugar", disse Watters. O único novo modelo anunciado por ele, o Mustang, começará a ser importado para o Brasil em 2018.

Watters e outros executivos que estão projetando uma recuperação aumentaram seu otimismo para o segundo semestre do ano que vem, uma vez que as taxas de juros devam recuar ainda mais após máximas em um década e a taxa de desemprego, de dois dígitos, deve diminuir.

As previsões mais agressivas vieram de marcas posicionadas para capturar uma fatia do crescente segmento de veículos esportivos utilitários, especialmente os compactos e os crossovers.

A Jeep, divisão da Fiat Chrysler Automobiles visa vender 90 mil veículos no Brasil ano que vem, ante os 60 mil deste ano, conforme aumenta a produção doméstica do Compass, segundo o diretor para América Latina, Sergio Ferreira.

As vendas de modelos SUV devem crescer mais de 17 por cento do mercado brasileiro no ano que vem, disse Ferreira, uma alta ante 15 por cento este ano. Isto é mais que o dobro do crescimento dos 7 por cento vistos em 2012, antes de a Jeep construir sua fábrica no Nordeste.

O cenário mais otimista para o mercado, que destoa das outras projeções, veio da General Motors, dona da Chevrolet, que passou a Fiat este ano como a marca mais vendida no Brasil pela primeira vez em uma década.

A GM, que está trazendo seu SUV Tracker para o Brasil, espera que os brasileiros comprem 2,4 milhões de novos carros e picapes leves em 2017, uma alta ante os 2,1 milhões deste ano, disse o presidente da GM no país, Carlos Zarlenga.

Isto ainda está muito longe dos 3,8 milhões de vendas em 2012.

"Nós achamos que o mercado vai acelerar no segundo semestre do ano", disse Zarlenga.

Poucos estão contando com um ritmo de crescimento tão rápido no que a Anfavea, associação que representa as montadoras, considera agora o sétimo maior mercado automobilístico do mundo.

Mas a Toyota, que triplicou sua parcela de mercado durante a crise, para 9 por cento, e aumentou as vendas em 1 por cento este ano, disse nesta terça-feira que planeja aumentá-las de novo em 1 por cento no próximo.

O principal executivo da Toyota na América Latina, Steve St. Angelo, está entre os que estão contando com uma aceleração do mercado, que há muito tempo está estagnado ou recuando. Em uma entrevista antes do salão, ele disse à Reuters esperar que, no geral, o mercado brasileiro cresça em torno de 5 por cento ano que vem.

Produção do setor eletroeletrônico cai em setembro

10/11/2016 – CIMM

A produção industrial do setor eletroeletrônico caiu 8% no mês de setembro de 2016 em relação ao mesmo mês do ano passado, segundo dados da Associação Brasileira da Indústria Elétrica e Eletrônica (Abinee), com base em informações do IBGE.

Na comparação com agosto, a queda foi de 5,6%, com ajuste sazonal, resultado de uma retração de 2% a indústria eletrônica e de uma queda de 8,1% na elétrica. Esta foi a segunda queda mensal consecutiva, interrompendo os resultados positivos apontados desde março. O resultado foi inferior ao da indústria geral, que apresentou expansão de 0,5% neste período.

Com isso, o resultado acumulado nos primeiros nove meses do ano é de uma redução de 13,8% na atividade industrial do setor, na comparação com igual período de 2015, desempenho inferior ao da indústria geral (- 7,8%). A queda do setor eletroeletrônico foi resultante de redução de 21,4% na atividade da indústria eletrônica e de 7,7% na elétrica.

Para o presidente da Abinee, Humberto Barbato, a recuperação está demorando a acontecer. “Se em um mês conseguimos um resultado bom, no outro isto não se repete, o que nos impede de prever um desempenho positivo para o ano de 2016”, afirma. Ele acredita que apenas no próximo ano, com as mudanças esperadas no cenário econômico, os indicadores do setor devem apresentar melhora.

Ferramentas Gühring agora no balcão

10/11/2016 – CIMM

Tradicional distribuidor de ferramentas rotativas no estado de Santa Catarina, a Bosco Tools, que trabalha com a marca Gühring há 2 anos, passa a vender também no balcão em sua nova loja, na cidade de Joinville, as ferramentas da marca alemã.

O estabelecimento comercializará toda a linha Gühring com preços extremamente competitivos e muitas das linhas com estoque imediato. São ferramentas de alta performance com o suporte de uma equipe especializada de vendas conforme a necessidade de aplicação do cliente.

Com 27 anos de atuação no mercado brasileiro a marca Gühring já é conhecida dos profissionais que atuam no mercado de usinagem. “Os clientes sabem da durabilidade e da qualidade das nossas ferramentas, da variedade de produtos que oferecemos, do nosso suporte de excelência no pós-venda, das nossas condições comerciais entre outras facilidades”, salienta o engenheiro de vendas Marcos Dalprá.

“Estamos ganhando mercado na região, pois temos uma gama enorme com mais de 50 mil itens standard e 2.000 tipos de ferramentas, além do suporte da nossa fábrica em Salto, para fabricação, revestimento e recondicionamento de ferramentas, e também toda a estrutura de suporte da nossa matriz na Alemanha”, diz o engenheiro.